

ASPECTOS QUE CARACTERIZAM FLUÊNCIA EM SEGUNDA LÍNGUA

Lia Abrantes Antunes Soares
(UFRJ)

RESUMO

Pesquisas descritivas que envolvem o sistema sonoro das línguas requerem trabalho técnico para que fenômenos prosódicos sejam interpretados e confrontados com o conhecimento intuitivo e impreciso, em geral, expresso por meio de metáforas. Neste artigo, sugerimos que uma abordagem técnica da categoria prosódica fluência oferece descrição consistente para nortear julgamento confiável desse critério tanto em contexto de ensino/aprendizagem, quanto em contexto de avaliação de proficiência em segunda língua (L2, LE, LA). Entendemos ser necessário conhecer como o fenômeno se apresenta durante a produção da fala em L2, para que se possa apontar e justificar ocorrência ou ausência de determinadas características expressas em segundos pelo aprendiz. Assim, descrever, tecnicamente, aspectos envolvidos na composição da categoria prosódica fluência, com maior atenção às pausas, é o objetivo deste artigo. Para tanto, problematizamos o conceito de fluência em descritores de níveis de proficiência do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, a fim de contribuir para julgamento acurado dessa categoria.

PALAVRAS-CHAVE: descrição, fluência em L2, pausa.

1 Introdução

Ao tratarmos de julgamento de proficiência em L2¹, é possível elencar um número amplo de categorias a serem observadas. Entretanto, é consenso entre professores/avaliadores que a observação de mais de cinco critérios provoca uma sobrecarga de informação, o que comprometeria a qualidade da avaliação. Para uma investigação mais prática da produção oral, testes de proficiência combinam categorias, tais como:

Estratégias de tomada de palavra; Estratégias de cooperação; Pedido de Clarificação; Fluência; Flexibilidade; Coerência; Desenvolvimento temático; Correção; Competência sociolinguística; Âmbito Geral; Amplitude do Vocabulário; Correção Gramatical; Domínio do Vocabulário; Domínio da Fonologia. (QECR, 2001, p.264-265)

Listas com critérios a serem observados no âmbito tanto do ensino de L2 quanto da avaliação de proficiência resultam da seleção e combinação dessas categorias, muitas vezes, renomeadas. Dentre elas, fluência é frequentemente selecionada, embora sua descrição, nem sempre, inclua uma visão técnica dos elementos que a compõem, o que pode reforçar a frequente confusão no uso dos termos fluência e proficiência. A falta de perspectiva técnica de como os elementos componentes do fenômeno prosódico fluência se comportam durante a produção da fala impede que professores/avaliadores justifiquem seu julgamento. Sem descrição técnica, sentem-se inseguros para apontar, no material linguístico, as ocorrências que evidenciam o nível de fluidez alcançado pelo aprendiz.

É importante salientar que o conceito de proficiência abarca categorias ligadas aos componentes do sistema linguístico (léxico, gramática, semântica e discurso), a serem observadas em um contínuo, na produção de aprendizes de L2. Como há confusão terminológica e conceitual entre fluência e proficiência, assumimos o uso técnico do termo proficiência como capacidade linguístico-comunicativa para determinados contextos, que deve ser medida em níveis (cf. SCARAMUCCI, 2000).

Ao contrário do que acontece desde a década de 1990 com o mercado de materiais para ensino de inglês como L2, o português ainda não conta com o tipo de material que privilegie fenômenos prosódicos relacionados à fluência, percebidos em níveis suprasegmentais (como ritmo e entonação) e em níveis segmentais (como contração, elisão, assimilação e redução). Como observa Wennerstrom (2001), a motivação para a produção desse tipo de material vem da complexidade de tratamento dos

fenômenos do sistema sonoro, percebida por professores que reconhecem haver dificuldade de aquisição de aspectos prosódicos por aprendizes adultos de L2. Essa realidade se revela em pesquisas que envolvem, principalmente, testes de julgamento de sotaque e fluência.

Chega-se, portanto, à relevância de um tratamento menos subjetivo e mais técnico da categoria fluência, dada a demanda (i) tanto dos aprendizes que perseguem uma produção de enunciados com encadeamento de itens lexicais, em uma velocidade confortável para seus interlocutores, (ii) quanto para professores/avaliadores que lidam com a constante exigência de desenvolvimento e julgamento desse fenômeno linguístico.

Neste artigo, abordaremos a categoria fluência com o objetivo de descrever seus componentes e apontar pistas para identificá-los na produção do aprendiz de L2, já que a maioria dos estudos encontrados, sobretudo na literatura referente à avaliação de proficiência, oferece uma visão holística do fenômeno prosódico.

2 Fluência: perspectiva teórica

Em contraste com a descrição holística e metafórica bastante difundida de que fala fluente é “suave, rápida e sem esforço” ou “fluida como um rio”, trataremos de fluência como medida prosódica de desempenho linguístico em L2, que contribui para julgamento de proficiência.

Dada a complexidade de análise acústica de aspectos sonoros das línguas, é comum observarmos em definições de fluência a não consideração de importantes fatores que a compõem. Como Al-Sibai (2004) explica, fluência não é um valor absoluto que a fala do aprendiz apresenta ou não, mas um fenômeno prosódico baseado em níveis a serem atingidos. Temos, portanto, a **gradiência** como primeiro fator caracterizador de fluência, fundamental para uma descrição técnica.

Outro aspecto que deve ser observado na fala de aprendizes de L2 diz respeito à realização de formas reduzidas por processos de: contração, elisão, assimilação e redução. Quanto mais frequente for o uso de certa construção linguística, maiores as chances de os aprendizes realizarem tais processos aceleradores da fala, de forma que interlocutores possam perceber (1) desaparecimento de fronteiras de palavras, (2) omissão de vogais e consoantes finais e (3) substituição de elementos dentro da palavra, além do apagamento de itens lexicais como artigos, sujeito, pronomes e verbos, quando o contexto permite (TAM, 1997 *apud* AL-SIBAI, 2004). Tais processos determinam uma **fala conectada**, com **velocidade**

de articulação que, segundo Zellner (1994), corresponde à habilidade de processar de 15 a 30 sons por segundo.

A realização desses processos é desejável, mas não garante **velocidade de fala**, em razão de outras variáveis, como por exemplo, o tempo de acesso a uma construção linguística ainda não saliente na memória; a necessidade de refletir sobre uma informação ou um tópico não familiar; a intenção de imprimir à fala um ritmo mais lento a fim de enfatizar um trecho. Tais fenômenos, em certa medida, são comuns à fala de qualquer sujeito, tanto na produção de L1 quanto na de L2. Caso tente fixar uma mesma velocidade durante a fala, corre o risco de torná-la monótona e desinteressante ao interlocutor.

Wennerstrom (2001) revisa estudos que corroboram a indicação de que parâmetros temporais, como a velocidade de fala, afetam o julgamento de fala não-nativa. Se, por um lado, o parâmetro velocidade de fala é característica que pode diferenciar fala em L1 de fala em L2, por outro, não é determinante para o julgamento de compreensibilidade de fala não-nativa, já que a compreensão de enunciados com sotaque é prejudicada quanto maior a velocidade de fala. Dessa forma, é preciso ter cautela com a orientação desse componente prosódico, tanto para estratégia de ensino, como também para julgamento de fluência. Para alcance de uma produção em L2 tão veloz quanto à produção em L1, é preciso dominar outras competências linguístico-discursivas a fim de que a compreensão do interlocutor não seja afetada e prejudique a interação.

Além da breve revisão dos componentes prosódicos comentados até aqui, neste artigo priorizamos a descrição física e cognitiva da **pausa**, com base em resultados de teste com juizes nativos, em que apontam tal componente como fator caracterizador de fluência (TROFIMOVICH & BAKER, 2006; SOARES, 2011). Quando identificadas pela **motivação** de ocorrência a que se adicionam características relativas ao **tipo, localização, frequência e duração**, pausas oferecem importantes evidências para adequado julgamento de fluência.

Fenômeno comum na produção de fala em qualquer língua, a pausa é percebida como interrupção no fluxo da fala, a partir de 0,200/0,250s (OLIVEIRA, 2002; ZELLNER, 2004). Elas podem ser classificadas como silenciosas ou preenchidas². Pausas silenciosas são percebidas como uma porção de silêncio no sinal da fala e só ocorrem entre vocalizações, ou seja, não são pausas os intervalos de silêncio que resultam de reticências (OLIVEIRA, 2002).

Candea *et al.* (2005) definem pausas preenchidas como segmentos vocálicos alongados presentes em todas as línguas do mundo e que ocorrem com frequência em fala espontânea. São elementos que, apesar de não expressarem conteúdo lexical, podem significar necessidade de organização do pensamento, por exemplo. Ocorrem sozinhas ou com uma nasal em coda, tal como as formas encontradas no português do Brasil *eh*, *ah*, *ahn*, *mm* (MARCUSCHI, 1999). De acordo com Zellner (1994), também são pausas preenchidas aquelas que são expressas por uma repetição de algum constituinte do enunciado (*O filho da: da:*) ou uma falsa partida com alongamento de um constituinte (*O: Vamos almoçar?*).

Quanto à localização em que recaem, pausas são classificadas como fluentes ou disfluentes. As fluentes são aquelas que ocorrem em momentos oportunos, ou seja, ao final de orações, frases, sintagmas e palavras. Entretanto, se o falante desobedece a norma do momento oportuno, configura-se a hesitação disfluente, resultante de uma fala ainda em construção, e que sofre reorganização durante o processo de produção oral (CAGLIARI, 1992). Wennerstrom (2001) classifica pausas fluentes como aquelas distribuídas em fronteiras frasais, isoladas ou distantes de outras. Já as disfluentes são acumuladas em outras partes do enunciado que não somente em fronteiras frasais, mas em ambiente intralexical.

A motivação para a ocorrência de pausas durante a fala pode ser fisiológica ou cognitiva. Do ponto de vista fisiológico, a fala precisa de uma interrupção em seu curso, assim como outras atividades humanas. A ocorrência desse tipo de pausa é inevitável durante a articulação da fala, pois acompanha as atividades de inspiração, expiração, deglutição e reflexo laringo-fonatório (ZELLNER, 1994).

Dentre as pausas de motivação cognitiva, sejam elas preenchidas ou silenciosas, há aquelas produzidas por alguma necessidade de processamento da informação e as de planejamento do que será dito. Elas têm maior frequência de ocorrência em início de cada novo enunciado e estão ligadas ao planejamento global do discurso. Já aquelas que ocorrem no interior do enunciado têm relação com a busca de itens lexicais (MARCUSCHI, 1999) que ainda não estão salientes na memória, de modo que não podem ser acessados instantaneamente, sem auxílio de pausas (BY-BEE, 2001; 2016). Há ainda pausas motivadas por desvios ou “erros de performance” (ZELLNER, 1994). Na fala espontânea, é bastante comum a ocorrência de reparos e, em L2, este fato pode ter consequências importantes para o julgamento de fluência. Quando o aprendiz pode notar

seus erros, ele tenta repará-los, produzindo pausas em ambientes intra e interlexicais. Segundo a autora, reparos podem ocorrer porque, durante a produção, aprendizes avaliam o que dizem. Ao editarem sua produção, podem substituir um trecho inteiro, reelaborando uma estrutura sintática que melhor expresse suas intenções, ou reparar algum desvio morfológico ou fonético.

Heeman e Allen (1999) propõem uma descrição de trechos que contém pausas para reparos de desvios. Segundo os autores, um enunciado pode conter três tipos de intervalos ou trechos, classificados como: *reparandum*, *termo de edição* e *alteração*. *Reparandum* é o trecho de fala interrompido pelo falante, que afeta o contorno melódico do enunciado. Após o *reparandum*, segue um constituinte de edição, em geral, uma pausa preenchida (uh, eh, hum), ou itens lexicais, como ‘quer dizer’, ‘bem’, que ajudam o interlocutor a reconhecer a necessidade do enunciador de fazer reparos. Na sequência, o enunciador produz a *Alteração* que é o constituinte pelo qual o aprendiz substitui o *reparandum*, como se observa no exemplo: “*Não é muito (0.1) não são muito grandes*” (SOARES, 2011, p. 27).

Com base nas propostas de descrição também citadas neste artigo, Soares (2011) propõe classificação para pausas, a fim de oferecer uma visão técnica para auxiliar no julgamento de fluência. Seleccionamos, abaixo, quatro importantes tipos de pausas a serem observadas como pistas, na fala de aprendizes:

- pausa para planejamento discursivo (PPD): esse tipo de pausa está associado à necessidade cognitiva de organização da informação, antes da produção de cada novo enunciado. Ocorre em fronteiras frasais e sua duração é maior ou menor, a depender da complexidade da estrutura linguística requerida para expressão do pensamento.
- pausa para acesso lexical (PAL): esse tipo de pausa reflete a busca de um exemplar da L2 que não está saliente na memória, ou por nunca ter recebido *input* de tal item lexical ou por sua baixa frequência de ocorrência em situações comunicativas a que o aprendiz foi exposto. Ocorre em fronteiras lexicais e quanto maior for sua frequência e sua duração, mais baixo será o nível de fluência na L2.
- pausa para reparo modificador (PRM): a ocorrência desse tipo de pausa se mostra mais frequente entre aprendizes que já tenham alguma autonomia com o uso da L2, pois já podem perceber seus próprios desvios, como aqueles relativos à pronúncia ou à morfologia, e repará-los após uma pausa. Elas podem ocorrer em ambientes intra e interlexicais

ou em fronteiras frasais, em geral, seguidas por uma expressão de edição ('quer dizer', 'na verdade'). Quanto menor a duração da PRM, mais rápido é o acesso ao exemplar pretendido para substituição do desvio, demonstrando maior autonomia do aprendiz.

- **pausa para reparo com novo começo (PRNC):** também com intenção de reparo, esse tipo de pausa ocorre em um trecho iniciado, com o objetivo de interromper o enunciado, por motivação relacionada à reformulação de ideias, ou como tentativa de expressá-las melhor, ou, ainda, por insegurança no uso de uma construção sintática. Em geral, por exigir reformulação de enunciado, a duração dessas pausas não é curta.

De acordo com estudos revisados anteriormente, o papel do fenômeno prosódico-temporal *pausa* provê evidências importantes para julgamento de fluência, considerando-se seus aspectos físicos, linguísticos e cognitivos, associados à localização, duração e frequência de ocorrência. Entendemos que para descrição da categoria fluência, além de quantificar o número de ocorrências e medir a duração das pausas, ao identificar o ambiente onde elas recaem, podemos encontrar as motivações que levam à produção de pausas fluentes e disfluentes.

A tabela a seguir apresenta uma síntese das características das pausas, descritas até aqui.

Tabela 1: Descrição das pausas

MOTIVAÇÃO	DESCRIÇÃO			
FISIOLÓGICA	Necessárias seja na produção em L1, seja em L2.			
COGNITIVA (PPD, PaL, PRM, PRNC)	TIPO	LOCALIZAÇÃO	FREQUÊNCIA	DURAÇÃO
	silenciosas e preenchidas	Ocorrências em: início de enunciados; fronteiras lexicais; ambientes intra e inter lexicais.	Maior ou menor frequência de ocorrência em determinados ambientes de um enunciado.	Maior ou menor duração de acordo com o tempo de processamento, acesso lexical e organização da informação.

Entendemos, portanto, que o tratamento da categoria fluência em L2 deve contemplar os aspectos aqui tratados, observáveis desde o nível segmental, com a redução de movimentos articulatórios, até encadeamento e ambientação de itens lexicais em enunciados produzidos com maior ou menor necessidade de pausas, no fluxo gradiente da fala.

3 Fluência: da perspectiva holística à técnica

Propostas para definição de fluência em L2 são comumente orientadas por uma perspectiva holística. A interpretação de fluência proposta por Fillmore (1979) diz respeito às capacidades de: (1) preencher o tempo com fala, (2) falar de forma coerente, (3) ter coisas apropriadas para dizer em uma grande variedade de contextos e (4) ser criativo no uso da linguagem. Essa visão holística combina várias categorias linguístico-discursivas, relacionadas ao conceito de proficiência.

Outra interpretação holística da categoria fluência é encontrada em descritores de níveis de proficiência. Documentos como o Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (QECR) e grades de avaliação de exames de proficiência trazem descrição mais geral e menos técnica da categoria para julgamento do nível atingido. Essa abordagem menos específica de fluência pode tornar o julgamento falho, o que sugere necessidade de capacitação técnica para os avaliadores, a fim de proporcionar avaliação confiável dessa categoria prosódica.

No Quadro 1 apresentado no QECR (2001, p. 49), em que se indicam os níveis comuns de proficiência em escala global, só há menção à categoria fluência do nível B2 (*utilizador independente*) ao C2 (*utilizador proficiente*), no entanto, a descrição não envolve parâmetros prosódico-temporais relacionados à frequência e duração, nem sobre a localização de pausas e velocidade de articulação. Destacamos a noção de *espontaneidade* de comunicação *sem tensão* (nível B2), norteadora de um julgamento intuitivo, que marca o nível inicial da observação da categoria fluência, tecnicamente, considerada gradiente.

Uma produção espontânea e sem tensão, aparentemente, já corresponderia a enunciados fluidos, sem hesitações que provoquem golpes na expressão das ideias, causados pela necessidade de frequentes reparos produzidos após pausas. A descrição oferecida parece objetivar uma avaliação holística para a categoria fluência, no entanto, como todo fenômeno prosódico, sem uma definição mais precisa das características que o compõem, avaliadores têm dificuldade para efetuarem julgamento

fundamentado. Com exceção do trecho “sem precisar de procurar muito as palavras” (C1), cuja interpretação oferece uma pista ao utilizador do Quadro 1, indicativa de poucas ou curtas pausas para acesso lexical à memória, não se pode depreender características concretas a respeito de fluência nos demais descritores.

O Quadro 1 considera explicitamente a categoria fluência somente nos níveis C1 e C2, em que aprendizes são considerados proficientes. Assim como o conceito de fluência, o de proficiência não assume a noção de fator gradiente, a ser observado em um contínuo. Apesar de o texto do documento tratar de proficiência em níveis, no Quadro 1, a terminologia escolhida para nomear os dois níveis mais avançados (*utilizador proficiente*) suscita questionamentos sobre tal conceito. Ou seja, nos níveis abaixo do C1, o aprendiz não teria adquirido qualquer nível de proficiência na língua alvo.

Nos níveis B1, A2 e A1, não figuram descrições relacionadas à fala fluente. Assim, supomos que os três níveis mais baixos considerariam que a categoria não possa ser avaliada, ainda que fosse como uma produção com pouca fluência. Embora o Quadro 1 não trate a categoria prosódica em questão de forma gradiente, partindo do nível mais baixo ao mais alto, para o QECR, fluência é considerada um fator qualificador que determina “o êxito funcional do aprendente” (2001, p. 182).

Como o próprio documento adverte, é necessário que os utilizadores do instrumento tenham “uma visão de conjunto mais pormenorizada” (QECR, 2001, p. 50) das categorias que o compõem. Ou seja, o conhecimento técnico das categorias elencadas para composição de um instrumento oferece maior confiabilidade à sua aplicação.

Reproduzimos, a seguir, o Quadro 1 com os trechos referentes à categoria fluência, em destaque.

Quadro 1. Níveis Comuns de Referência: escala global

Utilizador proficiente	C2	É capaz de compreender, sem esforço, praticamente tudo o que ouve ou lê. É capaz de resumir as informações recolhidas em diversas fontes orais e escritas, reconstruindo argumentos e factos de um modo coerente. <u>É capaz de se exprimir espontaneamente, de modo fluente e com exactidão</u> , sendo capaz de distinguir finas variações de significado em situações complexas.
	C1	É capaz de compreender um vasto número de textos longos e exigentes, reconhecendo os seus significados implícitos. <u>É capaz de se exprimir de forma fluente e espontânea sem precisar de procurar muito as palavras</u> . É capaz de usar a língua de modo flexível e eficaz para fins sociais, académicos e profissionais. Pode exprimir-se sobre temas complexos, de forma clara e bem estruturada, manifestando o domínio de mecanismos de organização, de articulação e de coesão do discurso.
Utilizador independente	B2	É capaz de compreender as ideias principais em textos complexos sobre assuntos concretos e abstractos, incluindo discussões técnicas na sua área de especialidade. <u>É capaz de comunicar com um certo grau de espontaneidade e de à-vontade com falantes nativos, sem que haja tensão de parte a parte</u> . É capaz de exprimir-se de modo claro e pormenorizado sobre uma grande variedade de temas e explicar um ponto de vista sobre um tema da actualidade, expondo as vantagens e os inconvenientes de várias possibilidades.
	B1	É capaz de compreender as questões principais, quando é usada uma linguagem clara e estandardizada e os assuntos lhe são familiares (temas abordados no trabalho, na escola e nos momentos de lazer, etc.). É capaz de lidar com a maioria das situações encontradas na região onde se fala a língua-alvo. É capaz de produzir um discurso simples e coerente sobre assuntos que lhe são familiares ou de interesse pessoal. Pode descrever experiências e eventos, sonhos, esperanças e ambições, bem como expor brevemente razões e justificações para uma opinião ou um projecto.
Utilizador elementar	A2	É capaz de compreender frases isoladas e expressões frequentes relacionadas com áreas de prioridade imediata (p. ex.: informações pessoais e familiares simples, compras, meio circundante). É capaz de comunicar em tarefas simples e em rotinas que exigem apenas uma troca de informação simples e directa sobre assuntos que lhe são familiares e habituais. Pode descrever de modo simples a sua formação, o meio circundante e, ainda, referir assuntos relacionados com necessidades imediatas.
	A1	É capaz de compreender e usar expressões familiares e quotidianas, assim como enunciados muito simples, que visam satisfazer necessidades concretas. Pode apresentar-se e apresentar outros e é capaz de fazer perguntas e dar respostas sobre aspectos pessoais como, por exemplo, o local onde vive, as pessoas que conhece e as coisas que tem. Pode comunicar de modo simples, se o interlocutor falar lenta e distintamente e se mostrar cooperante.

Fonte: (QECR, 2001, p. 49)

Em consonância com a orientação de aprofundamento, o QECR traz no Capítulo 5, intitulado *Competências comunicativas em língua*, um quadro pormenorizado com descritores específicos para a categoria fluência, nos seis níveis. Apesar de o Quadro 1 não dar relevância à descrição que envolva fluência, sobretudo nos três níveis mais baixos, o quadro intitulado *Fluência na oralidade* apresenta descritores com elementos técnicos, principalmente pausas, de forma gradiente.

Quadro 2. Fluência na oralidade

	FLUÊNCIA NA ORALIDADE
C2	É capaz de se exprimir longamente num discurso natural, sem esforço e sem hesitações. Faz pausas apenas para reflectir nas palavras exactas de que necessita para exprimir os seus pensamentos ou para encontrar um exemplo apropriado ou uma explicação.
C1	É capaz de se exprimir com fluência e espontaneidade, quase sem esforço. Só um assunto conceptualmente difícil pode impedir um fluxo natural e corrente do discurso.
B2	É capaz de comunicar espontaneamente, revelando frequentemente uma fluência e uma facilidade de expressão notáveis em largas e complexas extensões discursivas. É capaz de produzir discursos longos em velocidade regular; embora possa hesitar quando procura expressões e formas, faz poucas pausas longas evidentes. É capaz de interagir com um grau de fluência e de espontaneidade que torna relativamente fácil a interacção regular com falantes nativos sem que ninguém se sinta constrangido.
B1	É capaz de se exprimir com relativo à-vontade. Apesar de alguns problemas de formulação que resultam em pausas e impasses, é capaz de prosseguir com eficácia e sem ajuda. É capaz de prosseguir o seu discurso, embora faça pausas evidentes para o planeamento gramatical e lexical, e para remediações, especialmente em longas intervenções de produção livre.
A2	É capaz de se fazer entender em intervenções breves, embora sejam evidentes as pausas, as reformulações e as falsas partidas. É capaz de construir expressões sobre tópicos que lhe são familiares, com à-vontade suficiente para efectuar trocas verbais curtas, apesar das hesitações e das falsas partidas serem muito evidentes.
A1	É capaz de produzir enunciados muito curtos, isolados e geralmente estereotipados, fazendo <u> muitas pausas para procurar expressões, articular palavras que lhe são menos familiares e para remediar problemas de comunicação.</u>

Fonte: (QECR, 2001, p. 183)

O quadro acima define as capacidades que envolvem a categoria fluência, esperadas para os seis níveis, descrevendo-as a partir de esco-

lhas terminológicas mais técnicas que holísticas, concernentes aos fenômenos (gradiência, pausas, velocidade de fala) e parâmetros (frequência/número, duração) prosódicos e suas motivações. Tomamos o descritor do nível A1 como evidência de que uma descrição técnica e gradiente fornece parâmetros mais precisos do tipo de pausa que a produção de um aprendiz deve apresentar para ser classificado neste nível. Do trecho grifado, depreendemos que, além das pausas para planejamento discursivo (PPD), são esperadas frequentes pausas para acesso lexical (PAL), pausas para reparos modificadores (PRM) e pausas para novo começo (PRNC).

A observação dos dois quadros permite aos usuários do QECR e de grades de avaliação de exames de proficiência verificarem a imprescindibilidade de incorporação mais técnica aos descritores de fluência, já que nem sempre se pode contar com interpretações óbvias sobre aspectos prosódicos das línguas naturais.

4 Contribuições para a área de segunda língua

Este artigo corrobora o desafio que é conceituar e operacionalizar a categoria fluência em instrumentos medidores de proficiência. A comparação entre os dois quadros encontrados no QECR revela a necessidade de maior atenção à descrição de fluência nos âmbitos do ensino e avaliação de proficiência em L2, com vistas a instrumentalizar tecnicamente professores e avaliadores para julgamento dessa categoria.

Apontar características concernentes à fluência, manifestadas na expressão sonora da língua, e significá-las por meio de uma perspectiva, seja holística ou técnica, não é tarefa simples, nem poderia ser, já que tratamos de um fenômeno que é parte de um sistema complexo e dinâmico. Entretanto, argumentamos que a análise técnica proporciona descrição que permite apontar fenômenos constitutivos de fluência e seus parâmetros de medida, localização e motivação. Dessa forma, é possível esclarecer ao utilizador de quadros ou grades de referência o que seja uma produção tensa ou espontânea, sem precisar recorrer a metáforas.

ASPECTS THAT CHARACTERIZE FLUENCY IN SECOND LANGUAGE

ABSTRACT

Descriptive research involving the sound system of languages requires technical work so that prosodic phenomena are interpreted and confronted with intuitive and imprecise knowledge, usually expressed through metaphors. In this paper, we suggest that a technical approach to the prosodic fluency category provides consistent description to guide reliable judgment of this criterion in second language proficiency tests (L2, LE, LA). We understand that it is necessary to know how the phenomenon occurs during the production of speech in L2, so that it can be pointed out and justify the occurrence or absence of certain characteristics expressed in seconds by the learner. Thus, the purpose of this article is to describe aspects involved in the composition of prosodic fluency category technically, paying greater attention to pauses. To this, we problematize the concept of fluency in descriptors of proficiency levels of Common European Framework of Reference for Languages, in order to contribute to the accurate judgment of this category.

Keywords: description, fluency in L2, pause.

NOTAS

¹ Nesta pesquisa, optamos pela terminologia segunda língua (L2) em sentido mais abrangente, por tratarmos da descrição de um fenômeno prosódico comum às diferentes perspectivas (LE, LA) de tratamento de língua não-nativa.

² Para visualização do sinal acústico de trechos com pausas silenciosas e preenchidas, geradas pelo programa PRAAT, recomendamos leitura das páginas 22 e 23 da dissertação de Soares (2011), disponível em <http://poslinguistica.letas.ufrj.br/images/Linguistica/2-Mestrado/dissertacao/76-lia-aas.pdf>.

REFERÊNCIAS

- AL-SIBAI, Dina. **Promoting Oral Fluency of Second Language Learners, Literature Review**. Department of English. King Saud University, 2004.
- BYBEE, Joan. **Phonology and language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Angélica Furtado. São Paulo: Cortez, 2016.
- CONSELHO DA EUROPA. Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação. Trad. por Maria Joana Pimentel do Rosário e Nuno Verdial Soares. Porto Portugal: Edições Asa, 2001.
- FILLMORE, Charles J. On fluency. In: C. Fillmore, D. Kempler, & W. Wang (Eds.), **Individual Differences in Language Ability and Language Behavior**, p. 85–101. New York: Academic Press, 1979.
- HEEMAN, Peter A. e ALLEN, James F. Speech Repairs, Intonational Phrases and Discourse Markers: Modeling Speakers Utterances in Spoken Dialogue. **Journal Computational Linguistics**, v. 25, Issue 4. Cambridge: MIT Press, 1999.
- OLIVEIRA, Miguel. **Pausing Strategies as Means of Information Processing in Spontaneous Narratives**. Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC) Lisboa, Portugal, 2002 a.
- _____. The role of pause occurrence and pause duration in the signaling of narrative structure. In: RANCHHOD, E.; MAMEDE, M. (Org.). **Advances in natural language processing**. Berlim: Springer, 2002b, p.43-51.
- MARCUSCHI, Luis A. A hesitação. In: NEVES, M. H. M. (Org.). **Gramática do português falado: novos estudos**. São Paulo: Humanitas, 1999. v.7, p.159-194.
- SCARAMUCCI, Matilde V. R. Proficiência em LE: considerações terminológicas e conceituais. **Trabalhos de Linguística Aplicada** 36, 2000, p. 11-22.
- SOARES, Lia A. A. **O comportamento dos parâmetros prosódico-temporais em narrativas orais em PLE: evidências para o descritor fluência**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2011.
- TROFIMOVICH, Pavel & BAKER, Wendy. Learning second-language suprasegmentals: Effect of L2 experience on prosody and fluency characteristics of L2 speech. **Studies in Second Language Acquisition**, v. 28, p. 1-30. Cambridge: CUP, 2006.
- WENNERSTROM, Ann. **The music of Everyday Speech: prosody and discourse analysis**. New York: Oxford University Press, 2001.

ZELLNER, Brigitte. Pauses and the temporal structure of speech. *In*: KELLER, E. (org.) **Fundamentals of speech synthesis and speech recognition**. Chichester, John Wiley, p. 41-62, 1994.

Recebido em: 03/04/2017

Aceito em: 14/07/2017